

20-04-2020

Por trás das máscaras: nem “parasitas” nem “heróis”, trabalhadores(as) da saúde em um contexto de pandemia

Paulo Victor R. de A. Lira

[Sanitarista. Mestre em Saúde Pública]

Em memória de todos os trabalhadores que morreram enfrentando esta pandemia

Apesar das justas homenagens aos trabalhadores da saúde recebidas em [forma de aplausos](#) e da alcunha de “heróis” oferecida pela mídia o cenário que se apresenta é muito mais complexo. O trabalho dos profissionais da saúde nos serviços públicos e privados já é marcado por uma série de mudanças como as terceirizações, contratos temporários, insuficiência de concursos públicos, sobrecarga, flexibilização nas jornadas de trabalho, intensificação do trabalho e a organização do trabalho pautada em uma ideologia gerencialista. Este último aspecto é mais importante no trabalho no serviço público de saúde, onde a perspectiva organizativa deveria ter como finalidade a saúde dos usuários e dos trabalhadores. Ao contrário, são incorporados elementos da gestão privada, como “qualidade total”, “excelência”, “competência”, “clientela” (Chiavegato Filho; Navarro, 2013). A instituição de “protocolos” baseados nessa lógica acaba por incentivar uma lógica produtivista e biologicista, fragilizando a atenção à saúde dos usuários e precarizando o trabalho dos profissionais.

Sob este olhar, aspectos relacionados ao serviço público são considerados como burocratizados, atrasados e ineficientes. Como solução apresenta-se a formulação neoliberal de menos Estado e mais modernização, eficiência e competência na gestão dos recursos e na efetividade dos serviços. O perfil do trabalhador também deve adequar-se a essas mudanças, como abordam Chiavegato Filho e Navarro (2013, p. 94): *A consolidação dessas condições nas práticas de gestão finda por construir um novo perfil de trabalhador, em que, ao contrário do período taylorista-fordista, são valorizados os sujeitos flexíveis, criativos e inovadores, que trabalham em equipe e compreendam o sentido e a velocidade das mudanças, visando agilizar as tomadas de decisão. Tais trabalhadores devem saber conviver com a pressão, o medo, a inconstância, a concorrência e a competição.*

Mas, tais alterações não são inócuas aos trabalhadores.

É comum ao abordar o tema saúde do trabalhador nos serviços de saúde que surjam os questionamentos sobre a necessidade do “cuidar de quem cuida” e as múltiplas queixas sobre condições inadequadas de trabalho, assédios, demandas não ouvidas, relação problemática com usuários, não valorização do trabalho realizado.

Ao longo do tempo estas queixas podem se expressar em um desgaste psicobiológico desses trabalhadores, levando ao adoecimento físico e mental.

Determinando em última instância este quadro, está o aprofundamento do ideário neoliberal, com o subfinanciamento crônico do sistema de saúde; formas de privatizações indiretas, como o avanço da gestão por Organizações Sociais (OS); aprovação de medidas como a ampliação da Desvinculação das Receitas da União (DRU) e a Emenda Constitucional 95 que congela o “gasto” com saúde (entre outros) por 20 anos. Vale lembrar também as recentes medidas adotadas pelo governo Jair Bolsonaro, onde servidores públicos são tratados como “parasitas”, como as mudanças na política de atenção básica.

O quadro apresentado é suficiente para o funcionamento precário do Sistema Único de Saúde e o desgaste psicobiológico de grande parte de seus trabalhadores, apesar de ser propalado pelos gestores do capital como necessário e urgente.

No entanto, a pandemia do novo coronavírus vem para escancarar de vez a ineficiência do modelo neoliberal.

O avanço da doença e do número de mortes nos países de capitalismo central evidenciou a necessidade da intervenção do Estado e de mais direitos sociais como determinações essenciais na prevenção de adoecimento e mortes pelo vírus.

Os trabalhadores da saúde são um grupo vulnerável à infecção, visto que estão na “linha de frente” em contato direto com os pacientes. Na Itália há relatos de trabalhadores de saúde que cometeram suicídio após saber da infecção pelo vírus, ainda no mesmo país, 7,5% dos [casos notificados eram de profissionais da saúde](#), na Espanha o percentual foi de 14%.

Na periferia do capitalismo o quadro é ainda mais grave, porque as condições de vida, trabalho e saúde das populações são ainda mais precárias. Isso também vale para os trabalhadores da saúde. A falta de condições de trabalho, deficiência na promoção da saúde e segurança no ambiente de trabalho aparecem neste contexto de forma dramática. Trabalhadores da saúde no Rio Grande do Norte estão exercendo suas funções sem o mínimo de condições de trabalho, não possuem equipamentos de proteção individual (EPI) adequados, pessoas que estão em grupos de risco para o Covid-19 [continuam a trabalhar](#).

Em Pernambuco, [técnicas de enfermagem trabalham com medo](#) após a morte de duas colegas. Os relatos são próximos dos ocorridos no Rio Grande do Norte, falta de EPI, condições inadequadas de trabalho, administração gerencialista.

Nem “parasitas”, nem “heróis”, os trabalhadores da saúde são seres humanos, com família, projetos de vida e precisam ter seus direitos garantidos para execução de suas atividades, inclusive na participação e gestão direta das condições de saúde e segurança nos hospitais, policlínicas e unidades de saúde por meio de instituição de comissões. A pandemia passará, muitos trabalhadores pagarão com a vida pela sanha neoliberal.

Espero que aprendamos no momento (ficando em casa) e após ele a necessidade de organização e transformação deste modelo que é contrário a vida. Parafraseando Gramsci: “estamos em um período onde o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer.” Trabalhem para este nascimento!

A vida antes do lucro, sempre! ■ ■ ■

Referência:

Chiavegato Filho, LG; Navarro, VL. Cap. 4. p. 91-106. In: Navarro, VL.; Lourenço, EAS (org.). O avesso do trabalho III: saúde do trabalhador e questões contemporâneas. saúde do trabalhador e questões contemporâneas. SP: Expressão Popular, 2013.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.